

## **Como as desigualdades de raça e gênero atravessam a violência contra crianças e adolescentes**

Francielly Neves Nascimento  
Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: nevesnascimentof@gmail.com

Carmem Virgínia Moraes da Silva  
Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: carmem.virginia@uesb.edu.br

697

**Palavras-chave:** Adolescente. Criança. Machismo. Racismo. Violência

### **INTRODUÇÃO**

A violência cometida contra a população infantil e adolescente decorre de um longo processo histórico e cultural, marcado pela desigualdade, dominação e exclusão desses grupos (Pinheiro, 2001). Ao ser vista como objeto de estudo de diversos campos de interesse, como as ciências sociais, humanas e da saúde, a violência cometida contra crianças e adolescentes vêm alcançando maior visibilidade, e tais práticas relatadas desde o período colonial vão ganhando novas modalidades de manifestação na atualidade. Para compreendê-la é fundamental considerar as relações de poder definidas, o modo como os sujeitos interagem e as posturas que adotam. Sendo assim, este estudo tem o objetivo de discutir sobre o atravessamento das categorias de raça e gênero no levantamento feito sobre a violência sofrida por crianças e adolescentes no município de Vitória da Conquista, Bahia. Entende-se que, ao realizar um panorama sobre essa população e o modo como esses marcadores sociais atravessam a violência, é possível compreender a realidade e necessidades do território, possibilitando, através dessas informações, desenvolver planejamento de ações e implementações de políticas de enfrentamento efetivas a essa população (Oliveira et al., 2020).

**Realização:**



**Apoio:**



## **METODOLOGIA**

Este estudo advém de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-descritivo, com enfoque histórico-cultural. Segundo Freitas (2009, p.02) “fazer pesquisa qualitativa na perspectiva histórico-cultural consiste não apenas em descrever a realidade, mas também em explicá-la, portanto, supõe intervir nessa realidade”. Os dados decorrem das Fichas de Notificação inseridas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

Foram analisadas as notificações dos casos de crianças e adolescentes vítimas de violência no período entre 2020 e 2022 realizadas em Vitória da Conquista, sendo consideradas as vítimas que residiam no município. A delimitação da faixa etária foi de 0 a 19 anos completos. As variáveis consideradas para este trabalho foram: sexo (na ausência da especificação de gênero no sistema); tipo de violência; autor(a) da violência; e raça/cor. Foi utilizado o TABNET, que é um tabulador desenvolvido pelo DATASUS e para a análise do material foi realizada a organização dos dados em planilhas/tabelas, utilizando-se do *Excel*, acrescentando a frequência relativa das variáveis, tendo em vista que o TABNET gera somente a frequência absoluta.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Considerando as tipologias da violência, foi possível constatar que das 1.390 notificações realizadas, os maiores índices de violência foram os casos de violência física (32,4%), violência psicológica/moral (31%) e violência sexual (27,4%). A violência intrafamiliar é a que mais acomete o público infantojuvenil. Isso significa que a pessoa que deveria lhe proporcionar segurança e proteção passam a ser sinônimo de ameaça e hostilidade. Tal argumento se fortalece a partir dos dados que correspondem ao tipo de vínculo que a vítima tinha com o(a) agressor(a), o qual observa-se que a violência física foi praticada em sua maioria pela mãe (10,6%) e pelo pai (8,6%); sobre a violência psicológica/moral, o pai (29,5%), a mãe (25,5%) e o padrasto (10,4%) aparecem como os principais autores; os amigos/conhecidos (23,4%), o padrasto (13,1%), o pai (11,5%) e pessoas desconhecidas (10,8%) foram os autores que mais cometeram violência sexual infantojuvenil no município.

Em se tratando da violência sexual, observando os dados encontrados neste estudo, o predomínio da figura masculina como autores da violência sexual

**Realização:**



**Apoio:**



infantojuvenil, indica a necessidade de uma discussão pautada no aspecto social e cultural da temática. Percebe-se que entre o agressor e a vítima é estabelecida uma relação de poder desigual, em termos de autoridade e recursos psicossociais. Essa posição acompanha uma lógica construída e determinada pela cultura, que além de subjugar a criança ou adolescente a um lugar de inferioridade, seguindo uma hierarquia geracional, também se abastece de um conceito de hierarquia entre gêneros, considerando o significado social do feminino e do masculino (Ferraz et al., 2021). Tal fato está associada tanto com as desigualdades na relação adulto-criança, quanto nas desigualdades homem-mulher, assim como afirma Saffioti (2015, p. 78): “[...]o gênero, a família e o território domiciliar contêm hierarquias, nas quais homens figuram como dominadores-exploradores e as crianças como elementos mais dominados- explorados.” Ao considerar as pessoas desconhecidas entre os autores da violência sexual infantojuvenil, questiona-se sobre a possibilidade de que as vítimas estavam em situação de risco para a violência.

Na categoria sexo, a violência física (67,8%), psicológica (70,3%), sexual (87,7%) e negligência (51,6%) acometeram crianças e adolescentes do sexo feminino, já as vítimas do sexo masculino foram mais frequentes em relação ao trabalho infantil (66,7%). Assim, a violência se manifesta de forma diferente entre meninos e meninas.

Silva (2009), que se fundamenta no Marxismo e na psicologia histórico-cultural, aponta que o surgimento da relação de dominação entre os sexos se origina da divisão de classes e do modo de produção capitalista, o qual estabelece as relações sociais, incluindo o papel social de homem e mulher com base no princípio da propriedade privada. Segundo a autora, com o desenvolvimento tecnológico e a entrada de mulheres e crianças na indústria, “o trabalhador da fábrica homem adulto, que antes era o provedor dos meios de sobrevivência de toda a família, além de vender sua própria força de trabalho, passa então a vender mulher e filhos” (Silva, 2009, p. 57). Segundo Ferraz et al. (2021), essa lógica cultural da subordinação ao masculino e da desvalorização do feminino, integra além da mulher, as crianças e adolescentes. Lima (2012) e Ferraz et al. (2021), determinam que a construção do significado do masculino e do feminino transcorre desde a infância à vida adulta, reveladas por meio do incentivo às brincadeiras e comportamentos que são esperados culturalmente para meninas e meninos. Ressalta-se que essas representações sociais podem influenciar diretamente nas oportunidades e vivências individuais.

**Realização:**



**Apoio:**



Em se tratando dos dados referentes à raça/cor observa-se que crianças e adolescentes pardas foram as maiores vítimas de todas as violências: física (59,4%), psicológica (58,7%), sexual (60,6%), negligência (56%) e trabalho infantil (72,2%). Ao analisar a realidade brasileira, por meio de uma perspectiva histórica, é evidente observar as marcas deixadas pelo período colonial e escravista. Segundo Del Priore (2010) às crianças e adolescentes pretas, historicamente, foram subjugadas à uma posição de inferioridade e objetificação e, assim como os pais, elas eram consideradas como mercadorias, sendo comercializadas e escravizadas. De acordo com Eufrazio (2022), naquele tempo não havia distinção entre crianças, adolescentes e adultos e, por essa razão, todos estavam sujeitos aos mesmos castigos físicos, o que resultava com frequência em suas mortes.

Como as crianças pretas poderiam acompanhar as suas mães até completarem sete anos de idade, elas partilhavam dos mesmos espaços das famílias dos senhores de engenho, e mesmo com essa proximidade, como mostra Camargo et al. (2005), não eram evitadas de serem expostas a diferentes violações. Conforme alguns autores asseveram (Camargo et al., 2005; Eufrazio, 2022; Rocha, 2022), mesmo com os avanços em relação às políticas públicas e os direitos sociais, crianças e adolescentes pretas permanecem sendo vítimas da discriminação racial e da violência. Rocha (2022, p. 254), afirma que “após a abolição da escravatura, em 1888, a vida das crianças pretas e de suas famílias tem a exclusão e a violência redesenhadas sobre o manto de uma liberdade falseada e substituída por novos mecanismos racistas de genocídio”.

## CONCLUSÕES

Diante do exposto, nota-se que apesar da evolução histórica da sociedade, os fatores sociais e culturais ainda continuam sustentando a violência cometida contra crianças e adolescentes. Entende-se, com isso, que a violência não é resultado de um fator natural, mas é consequência de um processo histórico e cultural e que esses sujeitos vivenciam realidades distintas e para inteirar-se sobre suas necessidades, antes de tudo, é preciso compreender qual é o lugar que ocupam na sociedade. Dessa forma, é essencial que sejam promovidas discussões de maneira mais concreta sobre os efeitos do racismo e do machismo nas diferentes infâncias e adolescências para que, assim, seja possível

**Realização:**



**Apoio:**



traçar metas de enfrentamento mais contextualizadas às diferentes situações, de modo que os direitos dessa população possam ser assegurados.

## REFERÊNCIAS

ANTONI, C. de; YUNES, M. A. M.; HABIGZANG, L.; & KOLLER, S. H. Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães de vítimas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.28, n. 1, p. 97-106, 2011.

CAMARGO, C. L. de; ALVES, E. S.; & QUIRINO, M. D. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.14, n. 4, p. 608-615, 2005.

DEL PRIORE, M. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, M. (org.). **Histórias das Crianças no Brasil**. 7. Ed., p. 84-106, 2010.

EUFRAZIO, F. F. **Do genocídio da criança e do adolescente negro durante e após a escravidão**. Aedos, v.14, n. 31, p.172-186, 2022.

FREITAS, M. T. A. **A pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos**. Revista Teias, v. 10, n. 19, 2009.

FERRAZ, M. de M. P.; VELOSO, M. M. X.; & CABRAL, I. R. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero**. Desidades, [S.L.], v. 29, n. 9, p. 134-150, 2021.

LIMA, J. A. **A repetição do abuso sexual intrafamiliar infanto-juvenil entre gerações**. [Tese de Doutorado], psicologia social, Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal do Rio grande do Norte, João Pessoa, 2012.

OLIVEIRA, N. F. de, MORAES, C. L. de; JUNGER, W. L., & REICHENHEIM, M. E.. **Violência contra crianças e adolescentes em Manaus, Amazonas: estudo descritivo dos casos e análise da completude das fichas de notificação**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, n. 1, p. 1-20, 2012.

PINHEIRO, Â. A. A. **A criança e o adolescente no cenário da redemocratização: representações sociais em disputa**. [Tese de doutorado], Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 438 f., 2001.

ROCHA, A. P. R. Da escravidão à pandemia: racismo estrutural e desproteção de crianças e adolescentes. **Revista Em Pauta: Teoria Social E Realidade Contemporânea**, v. 20, n.50, p.248-264, 2022.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular-Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, R. L. da. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: estudo a partir da psicologia histórico-cultural**. [Monografia]. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

Realização:



Apoio:

